

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
IN MEMORIAM ENNIO MORRICONE
9 de setembro de 2020

ATAME! / 1989 (Ata-me)

Um filme de Pedro Almodóvar

Realização e Argumento: Pedro Almodóvar / **Fotografia:** Jose Luis Alcaine / **Direcção Artística:** Ferran Sanchez / **Montagem:** Jose Salcedo / **Música:** Ennio Morricone / **Som:** Goldstein & Steinberg, S.A. / **Figurinos:** Jose Maria Cossio / **Intérpretes:** Antonio Banderas (Ricki), Victoria Abril (Marina), Francisco Rabal (M ximo Espejo), Loles Leon (Lola), Julieta Serrano (Alma), Maria Barranco (Berta), Rossy De Palma, Lola Cardona, Montse G. Romeu, Emiliano Redondo, Oswaldo Delgado, Concha Rabal.

Produção: El Deseo, S.A., com o apoio do Ministério da Cultura de Espanha / **Produtor Executivo:** Agustin Almodóvar / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 101 minutos / **Estreia em Portugal:** Amoreiras, Las Vegas, Londres e Quarteto, em 13 de Julho de 1990.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.

Atame! é um dos mais interessantes filmes da fase anterior a **Todo Sobre Mi Madre**, de um realizador, Pedro Almodóvar, que se tornou num fenómeno de moda. O problema com Pedro Almodóvar foi a forma rápida como se alcançou fama e proveito, principalmente o segundo que é o que mais desperta as invejinhas dentro e fora do seu país. Tivesse ele apenas a fama e seria olhado com benevolência, um autor a "ter em conta" para serviço de capelinhas. Mas o rapaz mostrou também saber do negócio e conhecer a fundo os vícios e desejos secretos que a maioria dos espectadores procura sublimar nas telas de cinema. Mais grave ainda: teve o desprazer de os expor sem complexos e de forma clara nos irresistíveis argumentos que escreve. Como se não bastasse mostra também que sabe do que fala e como o dizer, que conhece a fundo a história do cinema (e os seus filmes são um regalo para o cinéfilo que gosta de encontrar citações e referências ao passado da Sétima Arte), e que tem um estilo elegante, ágil e vivo. Tudo motivos de sobra para fazerem dos seus filmes êxitos de crítica e de público. Espantem-se pois que este espanhol nascido, como se costuma dizer em casos semelhantes "de cu virado para a Lua", desperte invejas e não pouca má fé na sua classe.

Se hoje é já um nome consagrado, ao tempo de **Atame!** Almodóvar era ainda um fenómeno de moda. Mas há algo mais neste irreverente e provocante realizador espanhol. Talvez o que melhor o define seja o seu sentido de "antecipação". E isto, que é a marca da sua novidade, poderá ser também o que mais rapidamente poderá "datar" os seus filmes, respondendo às "necessidades" já sentidas mas ainda não expressas na generalidade do cinema e do seu público. Não espanta pois que ele tenha ficado na mira do cinema americano que explorou imediatamente as suas propostas novas (mas não necessariamente inovadoras): foi o caso

de **Mujeres al Bordo de un Ataque de Niervos**, cujos direitos foram adquiridos para uma versão americana, e o de **Atame!**, ainda antes do filme ter sido distribuído (o que atesta da atenção de que é alvo Almodóvar). Esse fenómeno de "antecipação" é também testemunhado por curiosas coincidências: quase em simultâneo (sem que o facto sugira qualquer correlação entre os fenómenos) aparecem outros filmes que exploram situações ou desenlaces semelhantes: a sequência da perseguição final de **Mujeres...** desenvolve-se quase de forma semelhante em **Married to the Mob**, de Jonathan Demme, e o provocante e surpreendente final de **Atame!** tem um correspondente americano no fabuloso **Wild at Heart**, de David Lynch, Palma de Ouro do Festival de Cannes.

Atame! como os filmes anteriores de Almodóvar (em particular **Matador** e **Mujeres...**) é um filme por onde passa a memória do cinema clássico americano (e talvez seja esta afinidade com os realizadores americanos de hoje, que dá aos seus filmes esse carácter de "antecipação" ou "premonitório"), em particular a "screwball comedy" e o policial.

No primeiro caso temos a situação entre o par formado por Victoria Abril e Antonio Banderas, numa relação em que a dependência que se estabelece entre um e outro se vai alterando paulatinamente. O domínio que Ricki exerce sobre Marina desde o começo (o rapto e o longo sequestro) não é mais do que a manifestação da sua dependência e fragilidade. A força, nesta relação, encontra-se do lado da "vítima". As cordas que a prendem à cama são bem mais frágeis do que os laços com que ela sujeita Ricki. Mas é essa fragilidade do jovem que vem inverter a situação, despertando o instinto "maternal" e protector de Marina e à sua "submissão" final, num "happy end" que tem menos de insólito do que se poderia julgar. Basta pensar nos finais das comédias de Howard Hawks, que jogam com o mesmo tipo de relações de dependências, e não se pode deixar de pensar em filmes como **Bringing Up Baby!**, **Ball of Fire** ou **A Song is Born**. E não esqueçamos que estes dois últimos filmes circulam também à volta de uma clausura. Se neste caso é assumida pela protagonista, no de Almodóvar ela começa por ser forçada mas torna-se depois também assumida (A sequência em que tendo conseguido libertar-se Marina opta por ficar no quarto à espera de Ricki. E a partir deste momento que a relação entre os dois se altera e o dominador passa a ser o dominado, embora ainda o não saiba).

No segundo caso (o filme policial) temos uma situação típica do género: o sequestro e as relações que se estabelecem entre os dois grupos (ou pessoas): a tensão, a desconfiança, o medo e o diluir dessa fronteira que se estabelece entre os participantes acabando por se transformar numa espécie de cumplicidade consentida. Lembramos naturalmente **The Grissom Gang** de Robert Aldrich (segunda versão da novela de James Hadley Chase, "No Orchids for Miss Blandish") e, principalmente, **The Collector** que William Wyler extraiu do romance de John Fowles. Mas Almodóvar transforma a dimensão trágica dos seus modelos numa espécie de novela "cor-de-rosa", jogando habilmente com o contraste que a solução inesperada (mas não ilógica) tem com o clima dramático do resto da narrativa. Embora o tom irónico e irreverente de muitas situações (a montagem paralela entre o primeiro confronto do par com a canção de Lola; o filme que Máximo realiza, paródia a um género em voga, o "gore"-erótico) e personagens (a psiquiatra, o realizador) mostrem que a verdadeira intenção de Almodóvar é menos fazer um filme de suspense clássico, do que um jogo de perversão em volta das convenções do género.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico